

“ONDE ESTÃO AS TREINADORAS ESPORTIVAS NEGRAS?”: A EXPERIÊNCIA DE UMA TREINADORA NEGRA NO PROJETO FUTSAL FEMINISTA

Amanda Borges da Costa¹

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação Física, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Porto Alegre, RS, Brasil.
Graduanda em Educação Física Bacharelado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.*

Martina Gonçalves Burch da Costa²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, RS, Brasil.

Karolina Hachler Ricardo³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, RS, Brasil.

Ândrea Tragino Plotegher⁴

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, RS, Brasil.

Guy Ginciene⁵

¹ Minicurrículo: Graduanda em Educação Física Bacharelado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

E-mail: amandaborgesefi@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-0743-5720>.

² Minicurrículo: Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCMH/UFRGS).

E-mail: martinagbc1@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7487-2026>.

³ Minicurrículo: Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCMH/UFRGS).

E-mail: karolinehachler@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3829-3246>.

⁴ Minicurrículo: Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCMH/UFRGS).

E-mail: andreatraginoplotegher@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7778-2472>

⁵ Minicurrículo: Professor Adjunto da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da ESEFID/UFRGS. Coordenador do Laboratório de Estudos Multidisciplinares em Esporte (LEME). Bacharel em Educação Física

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, RS, Brasil.

Resumo: Este estudo tem o objetivo de analisar e discutir a experiência de uma treinadora negra no projeto de extensão Futsal Feminista de uma universidade federal brasileira. O estudo trata-se de uma narrativa autobiográfica, cuja fonte de produção das informações são os registros, em diário de campo, da primeira autora, sobre a sua experiência como treinadora de futsal no projeto. As análises e discussões são realizadas em diálogo com o aporte teórico do feminismo negro, a partir de quatro categorias: (1) Meu lugar de fala: entre o passado e o presente; (2) Escrivências: a minha história, deixa que eu narro; (3) Processos de autodefinição: reconhecendo minha negritude e (4) Se tornar treinadora no Projeto Futsal Feminista: narrativas de uma mulher negra. Este estudo possibilitou a compreensão da indispensabilidade de uma análise que considere a interseccionalidade dos marcadores sociais das diferenças de raça, gênero e classe.

Palavras-Chave: Treinadora de Futsal; Feminismo Negro; Educação Física; Extensão Universitária.

“WHERE ARE THE WOMEN BLACK SPORTS COACHES?”: THE EXPERIENCE OF A WOMAN BLACK COACH IN THE FEMINIST FUTSAL PROJECT

Abstract: This study aims to analyze and discuss the experience of a black woman coach in the Feminist Futsal extension project at a Brazilian federal university. The study is an (auto) biographical narrative, whose source of information production is the records, in Field Diary, of the first author, about her experience as a futsal coach in the project. The analyzes and discussions are carried out in dialogue with the theoretical contribution of black feminism, based on four categories: (1) My place of speech: between the past and the present; (2) Writings: my story, let me tell it; (3) Self-definition processes: recognizing my blackness and; (4) Becoming a coach at the Feminist Futsal Project: narratives of a black woman. This study made it possible to understand the indispensability of an analysis that considers the intersectionality of social markers of race, gender and class differences.

Keywords: Futsal Woman Coach; Black Feminism; Physical Education; University Extension.

“¿DÓNDE ESTÁN LAS ENTRENADORAS DEPORTIVAS NEGRAS?”: LA EXPERIENCIA DE UNA ENTRENADORA NEGRA EN EL PROYECTO FEMINISTA DE FÚTBOL SALA

pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2009). Mestre e Doutor em Desenvolvimento Humano e Tecnologias pela UNESP Rio Claro/SP.
E-mail: guy.ginciene@ufrgs.com.br | ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9709-4223>.

Resumen: Este estudio tiene como objetivo analizar y discutir la experiencia de una entrenadora negra en el proyecto de extensión del Fútbol Feminista en una universidad federal brasileña. El estudio es una narrativa (auto)biográfica, cuya fuente de producción de información son los registros, en Diario de Campo, de la primera autora, sobre su experiencia como entrenadora de fútbol sala en el proyecto. Los análisis y discusiones se realizan en diálogo con el aporte teórico del feminismo negro, a partir de cuatro categorías: (1) Mi lugar de discurso: entre el pasado y el presente; (2) Escritos: mi historia, déjame contarla; (3) Procesos de autodefinición: reconocer mi negritud y; (4) Convertirse en entrenadora del Proyecto Feminista de Fútbol Sala: narrativas de una mujer negra. Este estudio permitió comprender la indispensabilidad de un análisis que considere la interseccionalidad de marcadores sociales de diferencias de raza, género y clase.

Palabras clave: Entrenadora de Fútbol Sala; Feminismo Negro; Educación Física; Extensión Universitaria.

“OÙ SONT LES ENTRAÎNEURS SPORTIFS NOIRS?”: L’EXPÉRIENCE D’UN ENTRAÎNEUR NOIR DANS LE PROJET FÉMINISTE FUTSAL

Résumé: Cette étude vise à analyser et discuter l'expérience d'un entraîneur noir dans le projet d'extension du Futsal Féministe dans une université fédérale brésilienne. L'étude est un récit autobiographique, dont la source de production d'informations est le journal de terrain de la première auteure qui relate son expérience en tant qu'entraîneur de futsal dans le cadre du projet. Les analyses et discussions sont menées en dialogue avec l'apport théorique du féminisme noir, autour de quatre catégories: (1) Mon lieu de parole: entre le passé et le présent; (2) Écrits: mon histoire, laissez-moi la raconter; (3) Processus d'autodéfinition: reconnaître ma noirceur et (4) Devenir coach dans le projet Feminist Futsal: récits d'une femme noire. Cette étude a permis de comprendre le caractère indispensable d'une analyse prenant en compte l'intersectionnalité des marqueurs sociaux des différences de race, de genre et de classe.

Mots-clés: Entraîneur de Futsal; Le Féminisme Noir; Éducation Physique; Extension Universitaire.

APONTAMENTOS INICIAIS

Este estudo sobre a experiência de uma treinadora negra no Projeto Futsal Feminista da Universidade Federal está inserido no contexto da pesquisa

de doutorado⁶ da segunda autora deste trabalho e nas pesquisas realizadas durante os dois anos de iniciação científica⁷ da primeira autora.

O Projeto Futsal Feminista faz parte do Programa de Extensão Escola de Esportes da universidade, na qual o mesmo acontece. Foi idealizado pela segunda autora e pelo quinto autor deste estudo, em julho de 2022, para possibilitar a realização da pesquisa de doutorado daquela. Inicialmente, o projeto, que ainda segue acontecendo, foi criado como um território⁸ no qual mulheres pudessem aprender, ensinar e praticar o futsal, com o objetivo de criar/ser um espaço e tempo acolhedor com e para mulheres.

Destacamos que, dada a dimensão que o Projeto Futsal Feminista tomou ao longo das três temporadas que foi realizado, foi se constituindo de outras formas, produzindo um alargamento de possibilidades de participação e de atuação de quem dele faz parte. Um desses alargamentos foi a criação de uma Comissão Técnica para dar andamento às aulas/treinos de futsal para e com as mulheres participantes, o que tem possibilitado que outras, além da segunda autora, experienciem a posição de treinadora de futsal. Uma dessas mulheres foi (e é) a primeira autora deste trabalho, uma mulher negra e estudante da graduação de bacharelado em Educação Física da mesma universidade.

Vale destacar a importância deste projeto, pois as mulheres são a maior parte da população brasileira, sendo representadas por 104,5 milhões do total de 203,1 milhões de pessoas (IBGE, 2022). No entanto, em algumas áreas, como postos de trabalho com cargos de liderança, esporte e política, elas ainda representam a minoria atuante. Ferreira, Salles e Mourão (2015, p. 21) afirmam que, em cargos de comando esportivo, a participação e a permanência das mulheres se mantêm baixa em diferentes espaços, como “treinadoras

⁶ Estudo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal.

⁷ Nos dois anos, a autora foi contemplada com os seguintes editais: Edital AF2022-1 PIBICAF CNPQ e Edital FAPERGS 01/2023 Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e de Iniciação Tecnológica e Inovação - PROBIC/PROBITI.

⁸ O significante “território” é utilizado neste estudo como uma abordagem política que avança o significante de “espaço”, porque não se limita ao espaço físico, uma vez que território também é constituído e produzido pelos atravessamentos das relações sociais e pelos aspectos culturais de onde está inserido (SANTOS, 1994).

esportivas, auxiliares técnicas, árbitras, coordenadoras, diretoras, chefes e presidentes de órgãos da administração esportiva”. Ademais, se o marcador social da diferença de gênero já exclui as mulheres dos cargos de liderança, neste estudo com foco nas comissões técnicas esportivas, quando atravessados/interseccionados pelo marcador social da diferença de raça (AKOTIRENE, 2019), esse número fica ainda mais expressivo e alarmante.

Representando o maior contingente de pessoas no Brasil, das 54,5% de mulheres, 44,8% são pardas e 9,7% negras (IBGE, 2022). Sendo assim, nos questionamos: onde essas mulheres, pardas e negras, estão presentes e atuando na nossa sociedade? E no campo dos esportes, onde estão atuando?

Segundo Hancock, Darwin e Walker (2018), todas as posições de poder no esporte são ocupadas, majoritariamente, por homens brancos, cisgênero e heterossexuais. Acontece que as pessoas que não se enquadram nesse estereótipo⁹ de liderança enfrentam dificuldades de acesso a essas posições (posições de poder no esporte). Atribuímos tais dificuldades especialmente aos marcadores sociais das diferenças – raça e gênero em diálogo com a sexualidade, principalmente –, categorias analíticas (BIROLI; MIGUEL, 2015) que vêm estruturando o pensamento moderno/colonial¹⁰.

Compreendemos que tais temáticas dizem muito das/sobre as pautas que temos reconhecido e verbalizado na contemporaneidade, outrora, silenciadas, apagadas e não exteriorizadas, razão pela qual entendemos serem indispensáveis na articulação com as aprendizagens nos diferentes contextos do nosso laço social, neste estudo, com foco no território de ensino e de aprendizagem no campo esportivo e nas comissões técnicas e de constituição de treinadoras negras de futsal. Nesse movimento, este trabalho tem como objetivo analisar e discutir a experiência de uma treinadora negra no Projeto Futsal Feminista.

⁹ Partilhamos da noção de estereótipo de Saraiva (1999) como um conjunto de atribuições/características que passam a definir papéis para sujeitos e grupos, resultando na internalização por parte destes das características que passam a diferenciar os papéis que cada um dos sexos deveria desempenhar e performar na sociedade.

¹⁰ Esse pensamento evidencia a exacerbação das individualidades, a exaltação da meritocracia e a hegemonia do conhecimento branco/patriarcal, especialmente o racismo, o machismo e a LGBTQIAfobia (WALSH, 2019).

As reflexões que seguem correspondem às experiências da primeira autora como treinadora negra no Projeto Futsal Feminista. No entanto, destacamos a coletividade que fundamenta e constitui o Projeto Futsal Feminista, o que justifica a ação colaborativa na análise e discussão das informações produzidas, bem como na escrita deste texto, em conjunto com cinco autoras(es), com foco na narrativa autobiográfica (CAMASMIE, 2007) da primeira autora nessa experiência particular, mas igualmente coletiva, e analisada pelas lentes do feminismo negro (COLLINS, 2019).

PERCURSO INVESTIGATIVO

Este estudo assume um caráter de pesquisa qualitativa do tipo narrativa autobiográfica (CAMASMIE, 2007), cujas análises e interpretações das informações produzidas pelo exercício narrativo são realizadas com e a partir das lentes do feminismo negro (COLLINS, 2019).

Partilhando da compreensão de Fonte (2006) de que o ser humano é ativo, portanto, não se caracteriza como um receptáculo e/ou mero processador de informações, a treinadora negra de futsal faz o exercício de reestruturar as suas narrativas sob uma perspectiva de interação entre as diferentes atrizes que partilham as experiências com ela em quadra. Esta interação é autorreferenciada e interpretada a partir dos seus próprios quadros operatórios, somados aos quadros operatórios das(os) demais autoras(es) deste estudo. Ou seja, a partir dos seus sentimentos, percepções, compreensões sobre as relações que as acompanham nessa trajetória de treinadora de futsal (FONTE, 2006), e, por essa razão, a subjetividade é característica fundamental neste estudo.

Esta narrativa autobiográfica emerge desse emaranhado de distinções perceptivas sobre a treinadora negra de futsal e o mundo, marcada por temporalidades que se entremeiam no passado-presente, presente-presente, presente-futuro e se atualizam; onde o inesperado faz parte e a (re)leitura é permitida (CAMASMIE, 2007). Igualmente, emerge e opera no entrecruzamento

de histórias de vida, formação e universidade enquanto espaços de (re)construção de saberes, saberes-fazer e conhecimentos, atravessados pela/na experiência da Educação Física com foco no treinamento esportivo de futsal (CLANDININ; CONNELLY, 2011).

As descrições foram produzidas, sobretudo, a partir das experiências da primeira autora como treinadora de futsal no Projeto Futsal Feminista. Para tanto, utilizamos como fontes de informações as narrativas, os registros e as impressões da primeira autora, por meio de seu diário de campo.

As aulas/treinos do projeto aconteceram (e seguem acontecendo) no ginásio da universidade, Campus Olímpico, localização do campo de pesquisa. São realizadas em dois dias na semana, tendo uma hora de duração cada uma delas. Até o momento da escrita deste artigo, o projeto já contou com três temporadas.

A primeira temporada aconteceu entre 13 de julho e 16 de dezembro de 2022; houve 34 treinos e passaram pelo projeto 26 alunas, todas com vínculo com a universidade – alunas (graduação e pós-graduação) ou servidoras (técnicas). A segunda temporada aconteceu entre 14 de março e 13 de julho de 2023; foram realizados 31 treinos e passaram pelo projeto 33 alunas. Nesta segunda temporada, participaram alunas (graduação e pós-graduação), servidoras (docentes e técnicas), terceirizadas (da universidade federal) e uma aluna da comunidade externa, ou seja, sem vínculo com a universidade. Já a terceira temporada aconteceu entre 22 de agosto de 2023 e 29 de janeiro de 2024; foram realizados 29 treinos e passaram pelo projeto 36 alunas, tendo a participação de alunas (graduação e pós-graduação), servidoras (docentes e técnicas), terceirizadas (da universidade federal) e 3 alunas da comunidade externa.

É importante ressaltar que, na segunda temporada do Projeto Futsal Feminista, diante da dimensão que o mesmo foi tomando, a segunda autora, treinadora e pesquisadora, sentiu a necessidade de criar um grupo de trabalho para partilhar as demandas do próprio projeto. Nesse momento foi criada a Comissão Técnica, com a participação de mais três pessoas, sendo uma delas

a primeira autora deste estudo. Já na segunda temporada, a primeira autora teve a sua primeira experiência como treinadora de futsal no projeto, e seguiu partilhando essa experiência de treinadora de futsal, com a segunda autora, na terceira temporada do projeto.

A segunda e a terceira temporada totalizaram 60 aulas/treinos de futsal do Projeto Futsal Feminista. Nessa perspectiva, é com base na experiência da primeira autora como treinadora de futsal, nesses encontros, que as análises e discussões deste trabalho são realizadas, em diálogo com o aporte teórico do feminismo negro.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Ressaltamos que não poderíamos iniciar as análises e discussões das aulas/treinos de futsal do Projeto Futsal Feminista sem contextualizar as compreensões de gênero em diálogo com a sexualidade, atravessadas/interseccionadas pela raça (AKOTIRENE, 2019). Isso porque essas categorias – gênero em diálogo com a sexualidade e raça (também incluindo classe) –, de acordo com Biroli e Miguel (2015), operam no nosso laço social enquanto opressões cruzadas e com convergências na produção e reprodução das desigualdades. Assim, entendemos que as relações de saber e de poder (FOUCAULT, 2002) que envolvem esses três marcadores estão entrelaçadas de forma que a dissociação deles pode levar a análises parciais e “principalmente a distorções na compreensão da dinâmica de dominação e dos padrões das desigualdades” (BIROLI; MIGUEL, 2015, p. 29).

O racismo e o sexismo criam o *Othered*¹¹, experiência de mulheres não brancas no esporte, incluindo aquelas que buscam as carreiras como treinadoras (CARTER-FRANCIQUE; OLUSHOLA, 2016). Uma das consequências desta categorização é a de essas mulheres (não brancas) serem empurradas

¹¹ Collins (2019) sugere que a categorização binária é baseada nos opostos, por exemplo, homem/mulher, branco/negro, rico/pobre, que precisam dos primeiros para estabelecer significado. Assim, as mulheres e os grupos raciais e étnicos não dominantes são “Outros”.

para as margens da sociedade. Destacamos que, para as mulheres não brancas do/no esporte, as margens incluem o estereótipo e a cobertura limitada da mídia (DUNCAN; MESSNER, 1998; KANE; CREEDON, 1994) e a limitação de acesso, oportunidade e experiências como participantes, treinadoras e administradoras (ABNEY, 2007).

Reforçamos que as mulheres não brancas igualmente sofrem a discriminação no tratamento, a exemplo de quando elas têm menor remuneração, possuem poucas oportunidades de incentivo e/ou recebem menos proteção do que homens e mulheres brancos(as) (BORLAND; BRUENING, 2010). Por essa razão, Garcia (2020, p. 47) entende ser indispensável “enegrecer os movimentos feministas em toda parte”, uma vez que esses movimentos foram protagonizados por mulheres brancas, “desconhecendo que nós mulheres negras temos ascendência africana de mulheres que foram sequestradas pelo império colonial e toda a sua violência histórica e presente” (GARCIA, 2020, p. 47); ou seja, desconsiderando o peso das violências colonialista-escravistas em todas as suas dimensões que as mulheres negras carregam.

Ribeiro (2017), ao refletir sobre o suposto lugar das pessoas negras no Brasil, faz os seguintes questionamentos:

Quantas autoras e autores negros o leitor e a leitora, que cursaram a faculdade, leram ou tiveram acesso durante o período da graduação? Quantas professoras ou professores negros tiveram? Quantos jornalistas negros, de ambos os sexos, existem nas principais redações do país ou até mesmo nas mídias ditas alternativas? (RIBEIRO, 2017, p. 36).

Refletindo com a autora, acrescentamos a seguinte pergunta: quantas(os) treinadoras(es) negras(os) a gente conhece? Suleadas(os)¹² por esta questão, e também em razão de desconhecermos treinadoras negras de futsal, pelo menos não em números significativos em comparação às treinadoras brancas (que, proporcionalmente, considerando a categorização

¹² Uma epistemologia do Sul assenta em três orientações: aprender que existe Sul, aprender a ir para o Sul e aprender a partir do Sul e com o Sul (SANTOS; MENESES, 2009).

treinadores/treinadoras, também são poucas), realizamos uma busca no Google Acadêmico e encontramos apenas dois estudos que discutem sobre mulheres negras em cargos de liderança (SANTOS, 2021; TRALCI FILHO, 2019). Podemos constatar que, enquanto existe uma crescente no corpo de pesquisa que examina criticamente treinadores não brancos (CUNNINGHAM, 2010) e treinadoras (HART; HASBROOK; MATHES, 1986), existe uma limitação em pesquisas que examinam treinadoras não brancas e suas experiências (BORLAND; BRUENING, 2010). Portanto, sugerindo, mais uma vez, a urgente necessidade de análises interseccionais entre os marcadores sociais das diferenças de gênero e raça (AKOTIRENE, 2019).

Por essa razão, este estudo parte das narrativas da experiência de uma treinadora negra no Projeto Futsal Feminista. Segundo Collins (2019), para as mulheres negras estadunidenses (e aqui fazemos um paralelo e adaptamos também para o contexto do Brasil), o conhecimento construído do “eu” emerge da luta para substituir as imagens de controle pelo conhecimento autodefinido, considerado pessoalmente importante, um conhecimento, muitas vezes, essencial para a sobrevivência das mulheres negras.

Segundo bell hooks (2021), o feminismo negro é essencial para o prosseguimento da luta feminista, para que as mulheres negras (re)conheçam a perspectiva de marginalidade em que estão inseridas e, assim, possam fazer uso dessa perspectiva para criticar a dominação racista, classista e a hegemonia sexista, bem como refutar e criar uma contra-hegemonia. Ou seja, uma outra possibilidade de ser e de existir no mundo. Para Ribeiro (2016), a importância do feminismo negro no debate político está em pensar como

as opressões se combinam e entrecruzam, gerando outras formas de opressão, é fundamental para se pensar em outras possibilidades de existência. Além disso, o arcabouço teórico-crítico trazido pelo feminismo negro serve como instrumento para se pensar não apenas sobre as próprias mulheres negras, categoria também diversa, mas também sobre o modelo de sociedade que queremos (RIBEIRO, 2016, p. 100).

Para Ribeiro (2016), em uma sociedade como a nossa, tendo uma herança escravocrata, patriarcal e classista, cada vez mais torna-se necessário o aporte teórico e prático que o feminismo negro traz para pensarmos um novo marco civilizatório – uma outra forma de sociedade, menos colonizada.

Diante do aporte teórico apresentado, bem como da nossa admiração por autoras como Djamila Ribeiro, Sueli Carneiro, Patrícia Hill Collins, Conceição Evaristo, bell hooks etc, as análises e discussões deste estudo são realizadas em quatro categorias, relacionadas às temporalidades que se entremeiam no passado-presente, presente-presente, presente-futuro: (1) Meu lugar de fala: entre o passado e o presente; (2) Escrivências: a minha história, deixa que eu narro; (3) Processos de autodefinição: reconhecendo minha negritude e; (4) Se tornar treinadora no Projeto Futsal Feminista: narrativas de uma mulher negra.

3.1 Meu lugar de fala e de atuação: entre o passado e o presente

Este artigo nasce a partir da minha experiência. Eu, Glória¹³, uma mulher negra, de vinte e oito anos, que tive pouca experiência com o futsal na escola e fora dela, atualmente estudante do curso de graduação em Educação Física bacharelado, e hoje, a treinadora do Projeto Futsal Feminista (Narrativa de Glória, 11/06/2024).

Segundo Ribeiro (2017, p. 34), “um dos objetivos do feminismo negro é marcar o lugar de fala”, uma vez que saber (e também marcar de onde falamos) é essencial para se pensar (e agir) sobre a localização social de quem fala, sobre seus processos de (re)conhecimento identitário, sobre as hierarquias e sobre todas as questões envolvendo desigualdade, pobreza, racismo e sexismo. Nesse movimento, e partilhando do entendimento de Ribeiro (2017) sobre “lugar de fala”, este tópico se propõe a marcar o lugar de fala da primeira autora deste estudo a partir da sua narrativa e de suas percepções na experiência como treinadora negra de futsal no Projeto Futsal Feminista.

¹³ Nome fictício para preservar a identidade da autora, assim como o sigilo das informações, de acordo com as normas de ética em pesquisa científica. Todos os nomes das pessoas mencionadas neste estudo estão substituídos por nomes fictícios.

Para tanto, o exercício de recordar o passado foi um movimento que consideramos indispensável, pois traz (e trouxe), de uma forma ou de outra, o que supostamente levou Glória a tornar-se treinadora no Projeto Futsal Feminista:

Durante a minha trajetória de vida, me interessava a temática do esporte adaptado para pessoas com deficiências, em virtude da minha convivência com uma das minhas irmãs que tem deficiência auditiva (tenho três irmãs e um irmão). No entanto, antes de entrar no curso de Educação Física bacharelado, me despertava a vontade de explorar outros temas para além do esporte adaptado. Uma cena que ficou na minha mente foi quando caminhava em um shopping da cidade de Porto Alegre e me deparei com um livro de capa amarela e roxa, o título se chamava "Lute como uma garota". Esse nome me chamou atenção. O livro apresentava sessenta mulheres feministas e um pouco de suas trajetórias. Enquanto eu lia este livro, me deparei com as experiências e as inquietações dessas mulheres, e em especial uma delas, a escritora bell hooks. Depois de alguns anos, uma editora brasileira traduziu um dos livros dela, que falava sobre educação e ensino, intitulado "Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática" e eu pude ler (Diário de Campo, 30/10/2022).

Tal narrativa nos faz refletir com Dubar (2005) sobre a importância e a necessidade de se levar em conta que a identidade profissional é forjada pela articulação entre o processo identitário biográfico (identidade para si) e o processo identitário relacional (identidade para o outro). Articulação essa denominada como "configurações identitárias", ou seja, "[...] uma dupla transação entre, de um lado, o indivíduo e as instituições e, de outro, entre o indivíduo confrontado com uma mudança e seu passado" (DUBAR, 2005, p. 253), tudo isso na intenção de compreender como se constituem, reproduzem e se transformam as identidades.

Igualmente, cabe ressaltar que o tratamento sobre construções identitárias dos sujeitos não é possível fora dos contextos sociais, históricos e culturais nos quais estão envolvidos (RIBEIRO, 2017; GOODSON, 2008). Destacamos que, partilhando do entendimento de Josso (2004), consideramos a construção identitária tanto como uma trajetória composta pelo tensionamento entre heranças sucessivas e novas construções, quanto uma relação dialética de conhecimento.

Após quase três anos na graduação, durante uma aula, o professor Evaristo (quinto autor) perguntou se conhecíamos bell hooks. Pensei: "bell hooks aqui?". Depois dessa aula entrei em contato com o professor e ele enviou os capítulos do livro, que por coincidência eram de um dos livros da autora que eu já tinha lido (Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática). Ao ler os capítulos do livro, percebi que tinham algumas semelhanças nas experiências que tive antes e durante a graduação. Ainda durante aquele semestre, o professor Evaristo avisou sobre o processo seletivo para uma bolsa de Iniciação Científica (orientada por ele), na qual investigaria a prática pedagógica no ensino de esportes, nos projetos que ele coordenava (um deles, o Futsal Feminista). Com interesse nos temas ensino de esportes e feminismo, e por já me enxergar como feminista naquele momento, eu me candidatei a vaga e consegui a bolsa de Iniciação Científica. Assim, entrei para o projeto (Diário de Campo, 25/05/2023).

Já na universidade, e com um conjunto de experiências anteriores a essa entrada, as quais se traduzem em concepções, regras, comportamentos, hábitos e outros aspectos que constroem a sua identidade pessoal e social (RIBEIRO, 2017; TARDIF, 2008), a primeira autora narra perceber algum diálogo entre o que estava sendo convidada a refletir na universidade e aquilo que já tinha experienciado na sua vida fora dela.

Plotegher (2018) entende que esse é um momento em que se discute sobre o itinerário de formação das(os) futuras(os) professoras(es) de Educação Física, neste estudo, treinadoras(es) de futsal, a partir do momento em que há a justificativa da importância de determinados espaços dentro da universidade, que implicam na construção da identidade profissional docente no período da formação inicial. Destacamos a importância do Projeto Futsal Feminista, tanto na formação da primeira autora como treinadora de futsal quanto na sua formação e construção identitária afirmativa de mulher negra neste território e lugar social de treinadora negra de futsal no Projeto Futsal Feminista.

A minha entrada no projeto aconteceu no início da primeira temporada. Tinha um mês de projeto e pensei que iria ficar só observando de longe. No primeiro treino que fui, a Marielle (segunda autora e treinadora) me perguntou se eu jogava e se eu poderia completar um dos times. Portanto, comecei como aluna, jogando. Quando começou o período da bolsa de Iniciação Científica (IC), que começou em primeiro de setembro de 2022, continuei como aluna, e passei a desempenhar dois papéis, eu era aluna e bolsista. Desenvolver as duas funções simultaneamente foi um pouco

desafiador, pois em alguns momentos uma se sobressaía. Após mais de um ano no projeto, eu ganhei mais uma função, a de treinadora do projeto. A partir das minhas experiências e observações que pude obter nessas funções, visualizei uma oportunidade de contar como é ser uma treinadora de futsal. É a partir daí que se inicia a análise e produção de dados desta pesquisa. Portanto, o meu lugar de fala é de uma estudante de graduação em Educação Física bacharelado, jogadora e treinadora do projeto Futsal Feminista (Diário de Campo, 10/12/2023).

A narrativa da primeira autora, hoje treinadora no Projeto Futsal Feminista, marca duas questões fundamentais deste estudo: a importância de se contar a própria história, tanto das nossas culturas como de nossas vidas, demarcando, especialmente, o lugar de fala da mulher negra, e a importância de determinados espaços dentro das universidades na formação dos sujeitos, neste caso, a importância do Projeto Futsal Feminista na formação da primeira autora como treinadora negra de futsal. Sobre a importância de se contar a própria história, além da demarcação do lugar de fala da mulher negra que aqui procuramos evidenciar, Evaristo (2020) traz as razões dessa importância, o que enfrentamos no tópico que segue.

3.2 Escrevivências: a minha história, deixa que eu narro

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também (EVARISTO, 2020, p. 30).

Segundo a escritora Conceição Evaristo (2020), é importante que mulheres negras contem as suas histórias. Para Kilomba (2020, p. 238), “somos eu, somos sujeito, somos quem descreve, somos quem narra, somos autoras/es e a autoridade da nossa própria realidade”.

Ao longo de três séculos, cerca de 4,8 milhões de africanas(os) foram trazidos para o Brasil, significando a maior presença de pessoas escravizadas no continente (SILVA, 2024). O país foi o último país do continente americano a

abolir a escravidão, isso ocorreu em 13 de maio de 1888 (SILVA, 2024). No entanto, este “ato de bondade da monarquia brasileira” foi conquistado com muita luta, suor e sangue. Foi por meio do engajamento popular e da resistência das pessoas escravizadas que isso aconteceu (SILVA, 2024).

Embora tenham se passado anos desse período, compreendemos que as marcas deste longo processo de escravização e genocídio da população negra no Brasil (MUNANGA, 1999) continuam presentes na sociedade brasileira. Exemplo disso é o que Munanga (1999) chamou de “Projeto de Mestiçagem”, cuja intenção era (e entendemos que segue sendo) o de apagamento/morte de todas as diferenças para a criação de uma nova e “verdadeira” civilização brasileira, composta de pessoas não negras, de preferência “brancas puras”. Ou seja, um dos projetos que objetivavam (e seguem objetivando) uma sociedade pautada em um modelo hegemônico – branco – que seria resultado, ao longo dos anos, da miscigenação entre pessoas brancas e pessoas negras. Essa estratégia visava que as(os) filhas(os) dessa miscigenação passariam a não reconhecer a sua negritude como um ponto central, como se essas pessoas perdessem a sua identidade (MUNANGA, 1999).

Compreendemos que esses atravessamentos geraram efeitos nos lugares profissionais que as pessoas ocupam, especialmente as mulheres negras. O Brasil soma mais de 58 mil professoras(es) negras(os) em Instituições de Ensino Superior (IES). Os dados, referentes ao ano de 2022, foram levantados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Ainda de acordo com o levantamento, mulheres negras atuando como docentes representam 26.770 pessoas; homens negros, 31.541 indivíduos. Em comparação, o número de professoras(es) brancas(os) atuando no Ensino Superior é mais que o dobro, chegando a 176.778 docentes (UFJF, 2023).

Para Glória, “nós, mulheres negras, ainda parecemos ser o menor número na universidade, seja como aluna, como professora ou nas referências das disciplinas” (Diário de Campo, 07/11/2023). hooks (2021) conta que no

tempo em que esteve no ensino superior, não existiam professoras(es) negras(os), o que dialoga com o que Glória também narra ter vivido na sua experiência durante a graduação em Educação Física (bacharelado): “o que eu também vivi na graduação, pois eu não tive professoras negras nesse período” (Diário de Campo, 07/11/2023).

Já no que diz respeito à falta de autoras(es) negras(os) nas referências, hooks (2021) entende que o marcador social das diferenças de raça é que determinava quais autoras(es) seriam lidas(os). Para a filósofa Sueli Carneiro (2005), essas práticas que desconsideram a presença de autoras(es) negras(os) como referências dos conteúdos estudados, seja nas universidades, seja nas escolas, são tentativas de apagamento, negação e/ou silenciamento da produção de saberes da população negra. Portanto, são entendidas como um epistemicídio. Ou seja, avançando ainda mais ao genocídio referido por Munanga (1999), porque não trata apenas do apagamento e morte da população negra, mas, sim, para além disso: é a tentativa de apagamento e de silenciamento de todos os conhecimentos e saberes-fazeres negros (CARNEIRO, 2005).

Acontece que tudo isso – epistemicídio e genocídio das pessoas e saberes-fazeres negras(os) – implica no silenciamento e no apagamento de referências negras para as gerações seguintes, para as(os) estudantes negras(os), e também para as(os) pessoas brancas – já que a luta antirracista é de todas(os) e não apenas das pessoas negras. Nesse movimento, e percebendo essa dinâmica de funcionamento social de tentativa de epistemicídio dos saberes-fazeres negros, Glória questiona: “e no esporte, como ser uma treinadora esportiva negra? Quantas treinadoras negras são conhecidas? Onde estão as treinadoras esportivas negras no Brasil?” (Diário de Campo, 25/11/2023).

Nessa perspectiva, compreendemos que as escolas e as universidades precisam, urgentemente, ser um território menos branco, porque precisam dar vazão para outras narrativas, para outras versões de histórias: as versões contadas/narradas pelas pessoas não brancas. Do mesmo modo, é importante

que as pessoas brancas leiam e escutem essas versões. Talvez, dessa maneira, possamos fazer o movimento de criar brechas ou mesmo romper algumas hegemonias, tanto a do conhecimento branco/patriarcal (de modo que o mesmo possa ser cada vez mais interrogado, problematizado e, de algum modo, vir a ser menos hegemônico), como a dos espaços de liderança serem majoritariamente ocupados por quem se enquadra no estereótipo “homem branco, cisgênero e heterossexual”.

Uma escola e uma universidade menos brancas são igualmente importantes para que as pessoas não brancas possam fortalecer e afirmar (ou inclusive reconhecer) a sua negritude individual, mas que também é coletiva. Negritude essa que vêm exaustivamente sofrendo com as diversas tentativas de silenciamento e de apagamento desde antes do Projeto de Mestiçagem (MUNANGA, 1999). Reforçamos o Projeto Futsal Feminista como um território/espaço na universidade que, ao olhar para as mulheres, precisou olhar para a pluralidade das suas participantes, tornando-se um espaço para o fortalecimento e reconhecimento das identidades. Neste estudo, demos especial atenção aos processos de reconhecimento da negritude de Glória, o que iremos abordar no tópico que segue.

3.3 Processos de autodefinição: reconhecendo minha negritude

Para Collins (2019), os processos de autodefinição são importantes para que cada pessoa possa nomear a sua própria realidade, a sua própria identidade. “A convicção de que ser negra e mulher é algo valioso e digno de respeito impulsiona a persistência de mulheres negras” (COLLINS, 2019, p. 215). Esse conceito traz a importância de pensarmos em espaços coletivos e seguros para que as diferentes narrativas possam ser compartilhadas e existidas, afirmando todos os dias que as mulheres podem ser o que quiserem ser, inclusive, treinadoras esportivas.

A professora/treinadora Glória narra que sua experiência no Projeto Futsal Feminista tem sido muito importante. Isso porque, além de representar

(e ser) o início da sua trajetória como professora/treinadora, tal experiência possibilitou que ela pudesse, para além de se experienciar nesta posição, se enxergar nela, como treinadora de futsal: “foi o espaço em que eu tive a oportunidade de ser treinadora, o que é algo muito raro” (Diário de Campo, 23/09/2023). Corroborando a narrativa de Glória, os estudos de Bullé (2000) informam que na série A do Campeonato Brasileiro não havia nenhuma treinadora negra. E, na Copa do Mundo de Futebol Feminino, de 2023, só havia uma treinadora negra: a Desiree Ellis, da seleção da África do Sul.

Diante deste cenário de poucas (e por vezes ausentes) referências de mulheres negras nos diferentes espaços sociais, Glória narrou o seguinte:

Ser treinadora no Projeto Futsal Feminista me desafiou. Pela falta de experiência e o pouco conhecimento específico sobre o futsal. Eu ficava preocupada com o fazer tudo “certo”, como se tivesse uma maneira única de dar aula. Quanto à minha falta de experiência com o futsal, em alguns treinos as atletas perguntavam sobre regras do futsal para a Marielle. Eu ficava aflita porque tinha perguntas que eu não saberia responder se tivesse ministrando aquela aula. Eu pensava que precisava aprender mais sobre o futsal, mas como eu iria dizer para aquelas alunas que eu não sabia, ainda mais que tinha algumas que também eram professoras? (Diário de Campo, 22/10/2023).

Ao analisarmos a narrativa de Glória, percebemos a sua preocupação diante da posição que assumiu como treinadora de futsal, com a suposta responsabilidade de ter que “fazer tudo certo”, como ela narrou. Contudo, questionamos: o que seria esse “fazer tudo certo”? Essa preocupação com o errar nas aulas pode ser fruto da formação que nós, enquanto estudantes de graduação, recebemos. Conforme bell hooks (2021), durante o nosso processo de formação, nós professoras(es) somos incentivadas(os) a pensar que precisamos estar sempre certas(os). Tal lógica de pensamento e ação – moderno/colonial e branca – coloca a(o) docente na centralidade do processo educativo, como se ela(e) fosse a(o) detentora/detentor de todos os saberes e conhecimentos.

Diante dessas questões, interrogamos: será que essa é mesmo a única forma de relação educativa/pedagógica? Se não é, que outras maneiras de relações entre docentes e estudantes existem? Que outras formas de dar aulas

existem? E, se essas outras maneiras existem, onde as encontramos? Entendemos que não existe uma única resposta para qualquer uma dessas questões. Por outro lado, compreendemos, mais uma vez, a necessidade de outras referências na Educação Física, para além daquelas que reproduzem essa lógica fragmentada, cartesiana e polarizada do pensamento moderno/colonial, eurocêntrico e branco hegemonicamente presente nas escolas e universidades.

Entendemos que a insegurança de Glória também poderia estar atravessada por essas questões, especialmente por ser uma mulher negra em uma universidade com referenciais majoritariamente brancos, e que provavelmente pouco considera, muito silencia ou mesmo apaga essas outras possibilidades de existir como professora/treinadora negra no Projeto Futsal Feminista.

Já a outra possibilidade aventada diz respeito às metanarrativas educacionais da modernidade que apostam na possibilidade de “ensinar tudo a todas(os)” (SILVA, 1994). Compreendemos que tal pensamento agia sobre a Glória produzindo um entendimento de que ela só poderia ser treinadora se soubesse responder todas as dúvidas das praticantes de futsal no Projeto Futsal Feminista, na ideia de que isso é o que garantiria as aprendizagens delas. Porém, “ensinar tudo a todos(as)” nos parece uma pretensão muito corajosa, e que está na direção oposta de algo possível e alcançável (VOLTOLINI, 2011).

Compreendemos que esses sentimentos de suposta “falha” e “incompetência” (VOLTOLINI, 2011) são produzidos, exaustivamente, nas pessoas pelo projeto educativo moderno/colonial, que aposta em uma relação educativa pouco participativa e dialogada (WALSH, 2019) e bastante hierárquica e autoritária, centrada nas(os) professoras e professores; ou seja, um projeto de controle dos corpos (FOUCAULT, 2002). Esse é o projeto que tem se apresentado como hegemônico nos espaços educativos, esse é o projeto predominantemente vivido nas escolas e universidades, esse é o projeto, portanto, apresentado para as(os) estudantes. Glória, nessa perspectiva, ao

não se sentir incluída nesse projeto, questiona sua competência como treinadora no Projeto Futsal Feminista e, conseqüentemente, não se sente confiante para ocupar uma posição de liderança, somado, ainda, ao marcador social da diferença de raça, já debatido no tópico acima, que dificulta que pessoas negras se enxerguem em posições de liderança. Nas palavras de Glória,

Essas angústias e medos, eu levei para as reuniões que nós tivemos no grupo de estudos. Nas reuniões com o grupo de estudos, nós líamos artigos e capítulos de alguns livros que me ajudaram a pensar sobre o que acontecia nas aulas do projeto. Uma das autoras foi a bell hooks. Além de seus escritos parecerem ter colaborado para a reflexão com o grupo, eu passei a vê-la como uma referência, pois ela também era mulher negra que frequentou a universidade e que foi professora. Lendo suas obras, eu entendi que existiam outras mulheres negras com experiências semelhantes às minhas, na qual eu aprendia com suas experiências e fazia eu não me sentir sozinha (Diário de Campo, 30/08/2023).

Reforçamos a urgente necessidade de referências e referenciais negras(os) nos espaços educativos. Glória narrou que, com hooks, passou a não se sentir mais sozinha, porque conseguiu se enxergar nas experiências compartilhadas pela autora. Destacamos, em especial, as experiências relacionadas aos processos identitários envolvendo a racialização, que se apresentam como algo bastante complexo. Isso porque a recepção de conhecimentos é um processo que não acontece de forma linear, e algumas questões podem gerar gatilhos de dor e de sofrimento (hooks, 2017). Os atravessamentos da raça nos permitem compartilhar experiências muitas vezes semelhantes, sobretudo, a da dor. Dialogar sobre raça, portanto, pode remeter a um lugar de dor, raiva e tristeza, principalmente no caso de pessoas negras. Muitas memórias podem emergir, tensionando reflexões teóricas e práticas sobre as possibilidades de coexistir na luta antirracista, como revela hooks (2017):

Cheguei à teoria porque estava machucada – a dor dentro de mim era tão intensa que eu não conseguia continuar vivendo. Cheguei à teoria desamparada, querendo compreender – apreender o que estava acontecendo ao redor e dentro de mim. Mais importante, queria fazer

a dor ir embora. Vi na teoria, na época, um local de cura (hooks, 2017, p. 83).

Igualmente, reforçamos a urgência de espaços nas universidades que possibilitem a docência em diálogo com a complexidade da vida e da sociedade, das relações de gênero, das relações étnico-raciais, da cultura, da saúde, das violências e de tantas outras relações que afetam os diferentes corpos (NIETO, 2006). Segundo Carter-Francique e Olushola (2016), as mulheres não brancas precisam de uma referência que possa encorajá-las e, ao mesmo tempo, acolhê-las, como uma suposta afirmação de que não “estão loucas” e de que “as coisas não acontecem apenas com elas”. Neste caso, como quem pode dizer: “você não é a única que está passando por isso”.

Isso porque compreendemos que este tipo de construção de docência convida as(os) estudantes a fazer o exercício de compreender fenômenos, assim como o de conhecer a si mesmas(os) e às(aos) outras(os) no contexto de cada realidade, bem como a uma ação suleada pela compreensão da percepção, pela qual o sujeito percebido consegue sulear suas ações na situação local e estar inscrito em um corpo, enfatizando a dimensão existencial do conhecer, emergindo da corporeidade. Nesse movimento, Glória narra:

Nas reuniões tínhamos espaço para expor nossos sentimentos e incertezas e juntos podíamos refletir sobre nossa prática e pensar em estratégias para as aulas seguintes. Fazer parte do grupo de estudos me ajudou a repensar sobre esses medos de errar, sobre as preocupações com o plano, pois eu escutava as aflições das(os) colegas do grupo e isso me deixava mais calma, porque eu não era a única com esses sentimentos (Diário de Campo, 30/08/2023).

Nesse sentido, hooks (2017) entende como indispensável a existência de espaços nos quais as(os) professoras(es) possam se reunir para expressar suas angústias e compartilhar suas experiências – um lugar de aprendizado. A autora aponta a importância do trabalho em grupo, de criar comunidades de aprendizagem, em que as pessoas interajam e aprendam juntas, independentemente de sua posição. Neste caso, um espaço de partilhas de conhecimentos, de saberes-fazer e de práticas que, realizadas no coletivo,

possibilitem debates e diálogos sobre o que foi realizado, o que pode ou não ser transformado, o que é interessante de ser mantido, enfim, uma reflexão sobre a prática pedagógica e também sobre os sentimentos que cada aula/treino ia produzindo em Glória. Momentos esses que, segundo ela, a deixavam mais tranquila. Em razão desses momentos serem suleados, também, pelo referencial de hooks, uma mulher negra, Glória narra que se sentia mais pertencente aos espaços que estava ocupando, reconhecendo-se como treinadora negra de futsal no Projeto Futsal Feminista.

3.4 Se tornar treinadora no Projeto Futsal Feminista: narrativas de uma mulher negra

No projeto, fui aluna, bolsista e treinadora. Exercendo esses três papéis, acredito que enriqueci o meu aprendizado. Como aluna pude aprender mais sobre o esporte, sobre regras, e notei que evolui minhas habilidades técnico-táticas. O que me ajudou quando estava observando os treinos, pois meu olhar para o que acontecia nas aulas foi mudando conforme eu jogava, assistia a jogos e conseguia perceber ações das atletas, que talvez não percebesse se não tivesse esse conhecimento (Diário de Campo, 05/11/2023).

Ao analisarmos a narrativa de Glória, percebemos que o “se tornar treinadora”, neste caso, no Projeto Futsal Feminista, está atravessado por diversas questões que não podem ser analisadas de forma isolada. A interseccionalidade (AKOTIRENE, 2019) entre as categorias estruturantes do nosso laço social – raça, gênero em diálogo com a sexualidade e classe – precisa, portanto, ser considerada nas políticas de acesso aos espaços universitários, especialmente nas universidades públicas. Glória, ao destacar os três papéis que exerceu na sua experiência no Projeto Futsal Feminista, quais sejam, aluna, bolsista e treinadora, sugere a importância de projetos de extensão na universidade que disponibilizem bolsas para as(os) estudantes, que muitas vezes sequer teriam a possibilidade de frequentar esses espaços de aprendizagem na universidade se os mesmos não fossem remunerados.

Glória narra que, antes de ter começado a ser treinadora no projeto, tinha sido aluna no mesmo, portanto, já conhecia o espaço e as participantes que

frequentavam. Quando começou a ser treinadora, disse que tinha o apoio da Comissão Técnica. Igualmente, já tinha lido bell hooks e outras referências do feminismo negro, aspectos que foram a encorajando a seguir tornando-se treinadora. Notamos, nesse movimento, que “se tornar treinadora” não acontece de uma só vez, ou seja, Glória não se tornou treinadora ao assumir essa posição como algo dado, como algo de pronto ou imediato. Glória foi se tornando treinadora durante o processo, interseccionada pelos marcadores sociais das diferenças de gênero, raça e classe que a constituem como mulher, negra, estudante de universidade federal e bolsista no Projeto Futsal Feminista. Ir reconhecendo e se fortalecendo com todos esses marcadores, no coletivo do grupo de estudos que fazia parte e do Projeto Futsal Feminista, conforme Glória narra, “é o que me davam forças diariamente” (Diário de Campo, 25/09/2023).

Do mesmo modo, Glória narra que o Projeto Futsal Feminista “foi uma ótima oportunidade para iniciar a experiência de ser professora, de me ver como professora” (Diário de Campo, 12/09/2023), pois, segundo ela, foi quando pôde trabalhar com comunidades de aprendizagem, como proposto por hooks (2021). Comunidade de aprendizagem essa que Glória narra enxergar na Comissão Técnica do Projeto Futsal Feminista, no grupo de estudos do qual faz parte e nas atletas do projeto: “juntas(os), a gente aprendeu, trocou ideias e se apoiou” (Diário de Campo, 17/10/2023). Exemplo disso está em uma das aulas/treino em que Glória comentou estar nervosa com seu desempenho como professora/treinadora, e sentiu o apoio das atletas, como mostra o registro do Diário de Campo:

No final da aula, nós fizemos nossa roda para expor nossas percepções sobre a aula, sobre o jogo e antes da gente encerrar a aula, eu contei que gostava de estar no projeto, agradei a presença das alunas na aula porque assim a gente poderia manter as aulas mesmo nesse período em que a Marielle não poderia estar no projeto. Contei que estava um pouco nervosa e que esperava que elas tivessem gostado da aula e que retornassem nas próximas. Algumas atletas falaram que a aula tinha sido boa e que voltariam. Uma atleta disse que a aula foi muito boa e começou a bater palmas, logo todas estavam batendo palmas. Eu fiquei muito feliz com o retorno delas, foi lindo (Diário de campo, 17/10/2023).

Por último, Glória reforça que ter sido treinadora no Projeto Futsal Feminista foi algo muito importante para ela, representando o início da sua trajetória como professora/treinadora, onde ela pôde se experienciar e se enxergar nesse papel. Igualmente, foi o território em que ela teve a oportunidade de “ir se tornando treinadora”, o que conforme, sua narrativa, “é algo muito raro” (Diário de Campo, 23/09/2023), o que Glória explica em um dos seus registros no Diário de Campo:

Estar no projeto como treinadora e bolsista é algo muito significativo, já que a maior parte de mulheres como eu, mulher negra, não conseguem chegar nesses espaços, na universidade. E, talvez, a minha presença neste espaço, e como treinadora, possa ajudar outras mulheres e meninas a também se enxergarem nesse lugar (Diário de Campo, 23/09/2023).

Segundo Collins (2019, p. 211),

ao lutar por perspectivas mulheristas autodefinidas que rejeitem as imagens do “mestre”, nós, mulheres afro-americanas, transformamos a nós mesmas. Uma massa crítica de indivíduos com consciência transformada pode, por sua vez, promover o empoderamento coletivo das mulheres negras (COLLINS, 2019, p. 211).

Nesse movimento, instrumentalizada pelos referenciais do feminismo negro e fortalecida pela experiência como treinadora negra no Projeto Futsal Feminista, Glória nos deixa a seguinte narrativa: “espero que esse trabalho inspire muitas outras treinadoras negras a entrarem e permanecerem na carreira. Vocês não estão sozinhas!” (Diário de Campo, 08/12/2023).

CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS

Este artigo buscou analisar e discutir a experiência de uma treinadora negra no Projeto Futsal Feminista. A partir das narrativas autobiográficas da treinadora, bem como de suas reflexões, quatro categorias foram elencadas e discutidas pelas lentes teóricas do feminismo negro: (1) Meu lugar de fala: entre o passado e o presente; (2) Escrevivências: a minha história, deixa que eu

narro; (3) Processos de autodefinição: reconhecendo minha negritude e (4) Se tornar treinadora no Projeto Futsal Feminista: narrativas de uma mulher negra.

As análises e discussões de cada uma dessas categorias possibilitaram a compreensão de que a narrativa da primeira autora, hoje treinadora no Projeto Futsal Feminista, marcou duas questões fundamentais deste estudo. Primeiro, a importância de se contar a própria história, tanto das nossas culturas como de nossas vidas, demarcando, especialmente, o lugar de fala da mulher negra e a importância de determinados espaços dentro das universidades na formação dos sujeitos, neste caso, a importância do Projeto Futsal Feminista na formação da primeira autora como treinadora negra de futsal.

Segundo, possibilitou a compreensão da indispensabilidade de uma análise que considere a interseccionalidade dos marcadores sociais das diferenças. No caso deste estudo, raça, gênero e classe. Isso porque percebemos que o “se tornar treinadora”, neste caso do Projeto Futsal Feminista, foi e está atravessado por diversas questões que não podem ser analisadas de forma isolada. Por essas razões, entendemos que Glória foi se tornando treinadora durante o processo (e não de uma só vez), interseccionada pelos marcadores sociais das diferenças de gênero, raça e classe que a constituem como mulher, negra, estudante de uma universidade federal e bolsista no Projeto Futsal Feminista.

Destacamos que, ao mesmo tempo em que este trabalho trata de um estudo sobre e a partir de uma experiência particular, também compreendemos que, além de possibilitar uma diversidade de modos de se vivenciar a prática, muitas das circunstâncias enfrentadas pela treinadora de futsal no Projeto Futsal Feminista aqui descritas podem ser estudadas em outros territórios, no sentido de compreendê-las em outras temporalidades e espaços. Entendemos que a experiência de Glória, uma mulher negra, como treinadora de futsal no Projeto Futsal Feminista, possibilitou a compreensão de que as pessoas experienciam de distintas formas e atribuem diferentes significados ao que vivem nas suas trajetórias. Por outro lado, mesmo com toda a particularidade deste estudo, compreendemos que uma escola e uma universidade menos

brancas são igualmente importantes para que as pessoas não brancas possam fortalecer e afirmar (ou inclusive reconhecer) a sua negritude individual, mas que também é coletiva.

Por último, esperamos que mais mulheres negras possam ocupar posições de liderança, ou qualquer território que desejar, tornando-se referência para estudos no âmbito esportivo. Igualmente, que mais projetos de futsal para mulheres possam ser realizados no Brasil, pois, como vimos, embora as pessoas não brancas constituam a maioria da população, infelizmente ainda ocupam uma fatia menor, em comparação às pessoas brancas, dos espaços de atividade física, das referências teóricas utilizadas na academia e das posições de liderança esportiva no Brasil.

REFERÊNCIAS

ABNEY, Robertha. African American women in intercollegiate coaching and athletic administration: unequal access. In: BROOKS, Dana D.; ALTHOUSE, Ronald. C. (eds.). ***Diversity and social justice in college sport: Sport management and the student athlete***. Morgantown: Fitness Information Technology, 2007, p. 51-75.

AKOTIRENE, Carla. ***Interseccionalidade***. São Paulo: Pólen, 2019.

BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe **Gênero, raça, classe: opressões cruzadas e convergências na reprodução das desigualdades**. *Mediações*, Londrina, v. 20, n. 2, p. 27-55, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/24124>. Acesso em: 13 jun. 2024. Acesso em: 11 maio 2024.

BORLAND, John Borland; BRUENING, Jennifer Bruening. **Navigating barriers: a qualitative examination of the underrepresentation of Black females as head coaches in collegiate basketball**. *Sport Management Review*, New Zealand, v. 13, p. 407-420, 2010.

CAMASMIE, Ana Tereza. ***Narrativa de histórias pessoais: um caminho de compreensão de si mesmo à luz do pensamento de Hannah Arendt***. 2007. 107 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CARTER-FRANCIQUE, Akila Carter-Francique; OLUSHOLA, Joyce. Women coaches of color: examining the effects of intersectionality. In: LAVOI, N. M. **Women in sports coaching**. London, Routledge, 2016, p. 81-94.

CLANDININ, Jean; CONNELLY, Michael. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. Tradução de Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. 1. ed. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

CUNNINGHAM, George Cunningham. **Understanding the under-representation of African American coaches: a multilevel perspective**. *Sport Management Review*, New Zealand, v. 13. n. 4, p. 395-406, 2010.

DUBAR, Claude. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DUNCAN, Margaret; MESSNER, Michael Messner. The media image of sport and gender. In: L. Wenner (ed.). **MediaSport**. London: Routledge, 1998, p. 170-185.

EVARISTO, Conceição. *A escrevivência e seus subtextos*. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (orgs.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 26-46.

FERREIRA, Heidi Jancer; SALLES, José Geraldo do Carmo; MOURÃO, Ludmila. **Inserção e permanência de mulheres como treinadoras esportivas no Brasil**. *Revista da Educação Física/UEM*, Maringá, v. 26, p. 21-29, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/refuem/a/wWZkYmzXBWXjVmcrS9hF9tF/?lang=pt>>. Acesso em: 5 maio 2024.

FONTE, Carla. **A narrativa no contexto da ciência psicológica sob o aspecto do processo de construção de significados**. *Psicologia: Teoria e Prática*, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 123-131, dez. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872006000200009>. Acesso em: 11 maio 2024.

FOUCAULT, Michael. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2002.

GARCIA, Antonia dos Santos. **Espaço, Gênero e Raça: os movimentos sociais e os desafios contemporâneos**. *Revista da ABPN*, v. 12, n. 34, Set-Nov 2020,

p.32-53. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1131/957>. Acesso em: 11 mai. 2024.

GOODSON, Ivor. **Conhecimento e vida profissional: estudos sobre educação e mudança**. Porto: Porto Editora, 2008.

HANCOCK, Meg; DARVIN, Lindsey; WALKER, Nefertiti. **Beyond the glass ceiling: sport management students' perceptions of the leadership labyrinth**. *Sport Management Education Journal*, United States, v. 12, n. 2, p. 100-109, out. 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1123/smej.2017-0039>>. Acesso em: 5 maio 2024.

HART, Barbara; HASBROOK, Cynthia; MATHES, Sharon. **An examination of the reduction in the number of female interscholastic coaches**. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, Annapolis Junction, v. 57, n. 1, p. 68-77, 1986.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2017.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2022: população por idade e sexo - resultados do universo**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <<https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>>. Acesso em: 11 maio 2024.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

KANE, Mary; CREEDON, Pamela. The media's role in accommodating and resisting stereotyped images of women in sport. In: CREEDON, P. J. **Women, media and sport: challenging gender values**. Thousand Oaks: Sage Publications, 1994, p. 28-44.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2020.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis: Vozes, 1999.

NIETO, Sônia. **Razones del profesorado para seguir con entusiasmo**. Bailén; Barcelona: Octaedro, 2006.

PLOTEGHER, Ândrea Tragino Plotegher. **Licenciatura em Educação Física: percursos construídos a partir de experiências formadoras dos docentes em**

formação. 2018. 185 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **Feminismo negro para um novo marco civilizatório.** *Sur - Revista Internacional de Direitos Humanos*, São Paulo, v. 13, n. 24, p. 99-104, 2016. Disponível em: <<https://sur.conectas.org/feminismo-negro-para-um-novo-marco-civilizatorio>>. Acesso em: 30 abr. 2024.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul.** Coimbra: Edições Almedina AS, 2009.

SANTOS, Ineildes Calheiro dos. **Nem mulheres, nem negrxs, nem queer of colour (QOC) na liderança do futebol brasileiro!: a interseccionalidade no esporte.** 2021. 217 f. Tese (Doutorado em Difusão de Conhecimento) – Programa de Pós-Graduação Multi-Institucional em Difusão do Conhecimento, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

SANTOS, Milton. **Território globalização e fragmentação.** São Paulo: Hucitec, 1994.

SARAIVA, Maria do Carmo. **Co-educação física e esportes: quando a diferença é mito.** Ijuí: Ed. Unijuí, 1999.

SILVA, Daniel Neves. **Escravidão no Brasil, Mundo Educação, 2024.** Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/escravidao-no-brasil.htm>>. Acesso em: 11 maio 2024.

SILVA, Tomaz Tadeu da. “Adeus às Metanarrativas Educacionais”. In: SILVA, T. T. (org.). **O Sujeito da Educação: estudos foucaultianos.** Petrópolis: Vozes, 1994, p. 247-258.

TARDIF, Maurice. Princípios para guiar a aplicação dos programas de formação inicial para o ensino. In: **ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO**, 14., 2008, Porto Alegre. *Anais [...]*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008, p. 17-46.

TRALCI FILHO, Marcio Antonio. A. **Atleta negro, psicólogo branco: racialização e esporte na visão de profissionais de psicologia.** 2019. 219 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA. **Ausência de professores negros é ponto crítico em universidades**, 29 nov. 2023. Disponível em: <<https://www2.ufjf.br/noticias/2023/11/29/ausencia-de-professores-negros-e-ponto-critico-em-universidades/>>. Acesso em: 11 maio 2024.

VOLTOLINI, Rinaldo. **Educação e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

WALSH, Catherine. **Interculturalidade e decolonialidade do poder: um pensamento e posicionamento “Outro” a partir da diferença colonial**. *Revista Eletrônica da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pelotas*, Pelotas, v. 5, n. 1, jan./jul. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/revistadireito/article/view/15002>>. Acesso em: 11 maio 2024.